

DISGRAFIA

DISGRAPHY

Sérgio de Freitas Oliveira¹

RESUMO

Inclusão vai além do simples ato de matricular a criança e colocá-la numa sala de aula. Inclusão requer olhar acurado do professor para identificar possíveis necessidades educacionais do educando que deverão ser objeto de intervenção. A disgrafia é uma dessas necessidades. Por desconhecido do problema, crianças podem ser consideradas preguiçosas, desinteressadas ou sem capricho. Uma intervenção correta, de precoce, é uma forma de amenizar os resultados da disgrafia.

Palavras-chave: Disgrafia. Psicomotricidade. Dispraaxia.

ABSTRACT

Inclusion goes beyond the simple act of enrolling the child and placing them in a classroom. Inclusion requires an accurate look from the teacher to identify possible educational needs of the student that should be the object of intervention. Dysgraphia is one of those needs. Unbeknownst to the problem, children may be considered lazy, disinterested or unimpressed. Early intervention is a way to soften the results of dysgraphia.

Keywords: Dysgraphia. Psychomotricity. Dyspraaxia.

1 INTRODUÇÃO

Por inclusão não se pode entender apenas o acolhimento do aluno com deficiência física ou mental. Incluir não significa, simplesmente, matricular o aluno com necessidades educacionais especiais numa classe comum. Não se pode ignorar as necessidades específicas desse educando, antes, elas devem ser consideradas no suporte ao professor e à escola para sua ação pedagógica.

¹ Professor Adjunto II da PUC Minas. Licenciado em Letras e em Pedagogia. Psicopedagogo. Mestre e doutorando em Linguística e Língua Portuguesa pela PUC Minas. E-mail: sergiofoliveira48@gmail.com

Se o professor alfabetizador não tiver noções sobre a disgrafia e não souber identificar a sua presença, não conseguirá desempenhar seu papel ao orientar o aprendizado e, com certeza, seu aluno sofrerá por não conseguir acompanhar o desenvolvimento da sua turma.

A falta de conhecimento do assunto pode resultar em que crianças disgráficas sejam identificadas como alunos preguiçosos, sem capricho, com letra feia ou desinteressados. Muitos alunos com esse perfil – problemas na escrita – passam de uma série a outra sem a devida orientação, sem que se façam intervenções com o intuito de solucionar os problemas existentes.

Problemas característicos da disgrafia podem ser identificados e solucionados por meio de atividades psicomotoras.

2 PSICOMOTRICIDADE

Segundo a Sociedade Brasileira de Psicomotricidade (2009), “psicomotricidade é a ciência que tem como objeto de estudo o homem através do seu corpo em movimento e em relação ao seu mundo interno e externo”.

Meur e Staes (1984) consideram elementos básicos da psicomotricidade o esquema corporal, a lateralidade, a estrutura espacial, a orientação temporal e a pré-escrita. Esses elementos são pré-requisitos para que a criança adquira a linguagem escrita, devendo ser considerados pelos professores para que seus alunos tenham um controle cada vez maior do seu desenvolvimento psicomotor.

Segundo Ajuriaguerra (*apud* MORAIS, 1986), o grafismo passa por três etapas de evolução: pré-caligráfica, caligráfica infantil e pós-caligráfica.

A **fase pré-caligráfica** situa-se entre os 5/6 anos até os 8/9 anos de idade. “[...] Nesta fase, a criança ainda não possui um perfeito domínio motor para a realização dos traçados gráficos” (MORAIS, 1986, p. 83). A escrita apresenta as seguintes características:

- Traçados que deveriam ser retos são arqueados, retocados e tremidos, com curvas fechadas e ângulos arredondados;
- Perturbação na dimensão e na inclinação das letras;
- Margens desordenadas, ausentes ou irregulares;

- Folha mantida reta na mesa;
- Elevação ou torção do pulso ao escrever;
- Cabeça inclinada ou apoiada no braço contrário ao da escrita;
- Cópia de letra por letra;
- Desenvolvimento de movimentos parasitários (que não têm uma função no ato realizado, como mexer a mão contrária à da escrita, colocar a língua no canto da boca e mordê-la).

A **fase caligráfica infantil** situa-se entre os 10 e 12 anos de idade. “Nesta fase, a criança já domina as principais dificuldades de pegar e manejar os instrumentos gráficos” (MORAIS, 1986, p. 84). Caracterizam essa fase:

- Escrita ligeira;
- Linhas retas e espaçadas adequadamente;
- Margens distribuídas corretamente;
- Endireitamento da postura com a cabeça afastada do papel;
- Cotovelo apoiado na mesa e mão abaixo da linha de escrever;
- Escrita pouco pessoal, imitando o traçado que serve de modelo.

A **fase pós-caligráfica** se dá a partir dos 11 anos de idade. “A exigência de uma maior velocidade para acompanhar as atividades escolares e registrar o pensamento vai modificando a escrita de cada indivíduo, tornando-a mais pessoal” (MORAIS, 1986, p. 85). São características dessa fase:

- Coluna quase retilínea e ligeiramente inclinada;
- Cotovelo fixo sobre a mesa;
- Antebraço movendo-se ao longo da linha;
- Escrita mais rápida e pessoal.

É imprescindível que o professor conheça essas fases para poder respeitar o tempo de desenvolvimento motor de seus alunos, além de orientá-los diante de possíveis dificuldades que possam apresentar em cada fase.

3 AS DISPRAXIAS

Segundo Rotta (2006), “Praxia é a capacidade que o indivíduo tem de realizar um ato motor mais ou menos complexo, anteriormente aprendido, de forma voluntária, ou seja, sob ordem. Esses movimentos depois de aprendidos podem, posteriormente, se tornar automáticos” (p. 207).

As praxias são, para Piaget, sistemas de ação, coordenados em função de um gesto ou de uma intenção. A sua operação inversa, segundo Leonhardt (2006),

são dispraxias, sistemas não coordenados de ação, em razão de gestos que não se realizam ou de intenções que não se objetivam no plano da realidade: lentidão, interrupções, distorções, impedimentos na realização de movimentos, ligados ao estresse físico, emocional e/ou ambiental (p. 221).

Em termos de aprendizagem formal, as dispraxias se traduzem em “disgrafias”.

3.1 A disgrafia

Segundo José e Coelho (2001), **disgrafia** é a dificuldade de passar para a escrita o estímulo visual da palavra impressa. Dessa forma, disgráficas são aquelas crianças que apresentam “letra feia” em decorrência de dificuldades no ato motor da escrita, tornando a grafia praticamente indecifrável.

Diferentemente da dislexia, que se caracteriza pela dificuldade no aprendizado da leitura, pela leitura lenta e sem fluência, a disgrafia se caracteriza pela dificuldade de coordenar os movimentos, ou seja, é um transtorno na aprendizagem da linguagem escrita e relaciona-se, portanto, a dificuldades motoras e espaciais.

Segundo Leonhardt (2006), “As experiências de fracasso ao escrever, ou disgrafias, acumulam-se gradativamente e em níveis cada vez menos toleráveis, acabando por gerar sofrimento, inibição e fragilidade nas relações de aprendizado, trabalho e convívio social” (p. 221).

Para a Leonhardt (2006), são sintomas da disgrafia:

Nas crianças: 1) recusa na realização de temas e trabalhos escolares; 2) estresse na hora do estudo; 3) cadernos incompletos, com rasuras,

desenhos aleatórios, excesso de pressão no traçado; 4) desatenção às solicitações do professor; 5) queixas escolares frequentes; 6) desorganização pessoal (roupas, mochilas, quarto); 7) “omissão” de datas para entrega de tarefas e provas escolares; 8) letra ilegível; 9) lentidão, morosidade (tardes inteiras para o tema); 10) repetência de séries escolares.

Nos adultos: 1) falta de enfrentamento em caso de provas e concursos; 2) insegurança em entrevistas; 3) perda de contratos profissionais; 4) inibição para apresentar projetos e relatórios; 5) baixos salários; e 6) dificuldades em relações amorosas e profissionais.

Crises gastrintestinais, cefaleia, recusa de estudo e trabalho, abandono escolar/profissional, isolamento e/ou inconduitas sociais podem somar-se às questões de fracasso em aprendizagem e trabalho. [...] Dor, suor e cansaço são manifestações (p. 222).

3.2 Como identificar um aluno disgráfico

Caracterizam o aluno disgráfico:

- Rigidez no traçado: pressiona em demasia o lápis contra o papel;
- Impulsividade e instabilidade no traçado: demonstra descontrole no gesto gráfico; o traçado é impulsivo, apressado, confuso, com escrita irregular e instável;
- Lentidão no traçado: apresenta traçado arrastado, lento, tornando evidente um grande esforço de aplicação e controle;
- Dificuldades relativas ao espaçamento: deixa espaço irregular (pequeno ou grande demais) entre letras e palavras, não observa as margens e amontoa letras;
- Dificuldades relativas à uniformidade: escreve ora com letras grandes mais ora com letras pequenas demais ou mistura ambas; apresenta desproporção entre maiúsculas e minúsculas e entre as hastes;
- Dificuldades relativas à forma das letras, aos ligamentos e à inclinação: apresenta deformação no traçado das letras; evidencia falta de ligamentos entre as letras; inclina as letras demasiadamente para a direita ou para a esquerda ou para ambas as direções.

3.3 A contribuição da psicomotricidade em casos de disgrafia

A psicomotricidade pode contribuir para a melhora da grafia dos alunos através de exercícios que explorem os elementos da psicomotricidade. Esses exercícios podem ser feitos dentro e fora da sala de aula, individualmente ou em grupos, com a frequência necessária para que se obtenham resultados satisfatórios.

De acordo com Meur e Staes (1986), uma criança cujo esquema corporal é mal constituído tem letra feia e seus movimentos não são coordenados. As crianças que possuem problemas de lateralidade e ordem espacial não percebem a diferença entre seu lado dominante e o outro lado, possuem dificuldade de seguir a direção gráfica e a ordem da escrita em um quadro, não distinguem bem o alto e o baixo, confundindo assim o “b” e o “p”, o “n” e o “u”. As crianças que possuem uma má orientação temporal e espacial confundem a ordem das sílabas nas palavras e sentem dificuldades em reconstruir uma frase cujas palavras estejam misturadas.

Geralmente, as crianças possuem essa dificuldade no início do processo de aquisição da linguagem escrita. A criança disgráfica, no entanto, por possuir problemas quanto à sua percepção espacial, terá maiores dificuldades e, por isso, o professor precisa estar atento para não deixar que o problema se agrave ou persista no decorrer do processo de “solidificação” da escrita.

A psicomotricidade pode contribuir para que problemas de disgrafia sejam amenizados ou mesmo extintos, pois trabalha o sujeito em seus movimentos, salientando o cognitivo e o afetivo.

No caso de alunos disgráficos, segundo Fávero e Calsa (2003), as atividades na Educação Física podem contribuir para o desenvolvimento psicomotor das crianças, sobretudo nos anos iniciais, pois as crianças que possuem um desenvolvimento psicomotor mais apurado desenvolvem-se melhor nas demais atividades escolares e, dessa forma, estão menos expostas ao fracasso escolar.

4 O PROFESSOR E O ALUNO DISGRÁFICO

Como a disgrafia é um distúrbio da escrita, é muito importante o papel do professor do ensino fundamental no possível diagnóstico desse distúrbio, pois será

ele quem acompanhará as dificuldades e os avanços do aluno durante o período de aquisição da escrita.

Conhecendo as dificuldades dessas crianças, o professor deverá procurar o coordenador, o orientador, o psicólogo ou o diretor da escola para avaliar o quadro e sugerir à família um encaminhamento para avaliação e tratamento específico.

O tratamento, após exames clínicos, é feito por profissionais especializados em fonoaudiologia, terapia ocupacional, fisioterapia e audiometria, cabendo ao professor um acompanhamento individual do aluno em sala de aula e a motivação para que ele possa superar as suas limitações.

É importante ressaltar a não utilização de rótulos ao se referir a esses alunos (criança lenta, criança preguiçosa, mau aluno etc.), pois estes poderão ficar traumatizados, pondo-se fim ao tratamento em decorrência da baixa autoestima da criança.

4.1 A orientação do professor na hora da escrita

O professor deverá estar atento, na hora da escrita, para alguns aspectos importantes que devem ser observados tanto com crianças que possam ter disgrafia quanto com as demais crianças, como forma de prevenção desse transtorno:

- **Postura:** É necessário que o professor estimule uma boa postura, em que o aluno esteja assentado com as costas eretas e com os dois pés firmes no chão. A mesa e a cadeira devem ser apropriadas ao tamanho da criança, para que não haja um esforço excessivo, cansativo e desestimulante à escrita.
- **Posição do papel:** O papel deve estar bem apoiado e posicionado paralelamente à mesa. À medida que a escrita se direcionar para o final da folha, o papel deve se mover para cima e para longe do corpo.
- **Lápis e caneta:** Muitas crianças disgráficas são mal sucedidas ao tentar manipular os instrumentos de escrita. Por falta de orientação, tentam segurar o lápis com as duas mãos, perto da ponta ou da borracha, com muita ou pouca força. O professor deve orientar para que não sejam utilizados lápis muito curtos, instruir uma correta

posição das mãos no instrumento (acima da parte apontada, entre os dedos polegar e médio, com o indicador guiando o lápis).

- **Lousa branca:** A criança com dificuldade de visão deve se assentar próximo ao quadro ou em um lugar da sala que facilite sua visão.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É muito importante o trabalho dos professores dos anos iniciais na verificação do possível transtorno da aprendizagem e, especificamente, da disgrafia, que pode estar presente em qualquer sala de aula.

A letra feia pode ter causa na disgrafia, por isso é necessário que o professor esteja atento para a escrita de seu aluno e, verificando a presença persistente dos sintomas característicos, converse com o coordenador para que, juntos, busquem junto à família o apoio para essa criança.

Dentro de sala, atividades de coordenação motora podem auxiliar no tratamento da disgrafia, mas somente um especialista poderá dar o diagnóstico. Atividades psicomotoras com crianças disgráficas contribuem para que as dificuldades não se acumulem, resultando, às vezes, em reprovações escolares.

Concluindo com Leonhardt (2006),

Escreve-se com o corpo inteiro, e o inverso também é verdadeiro: um corpo fragilizado pela dor ou pelo cansaço torna difícil a ação delicada das mãos, embota o pensamento e ainda mais se debilita, pela frustração sofrida no desgaste das tentativas, fracassadas, para escrever (p. 227).

REFERÊNCIAS

FÁVERO, Maria Tereza Martins; CALSA, Geiva Carolina. **As razões do corpo: psicomotricidade e disgrafia**. I Encontro Paranaense de Psicopedagogia. Paraná: ABPppr, 2003. Disponível em: <http://www.abpp.com.br/abppprnorte/pdf/a13Favero03.pdf>, Acesso em: 11 dez. 2009.

JOSÉ, Elisabete da Assunção; COELHO, Maria Tereza. **Problemas de aprendizagem**. São Paulo: Ática, 2005.

LEONHARDT, Dalva Rigon. Avaliação e clínica das praxias e dispraxias: mapeamento da dor gráfica. *In*: ROTTA, N. T.; OHLWEILER, L.; RIESGO, R. S. **Transtornos da aprendizagem**: abordagem neurobiológica e multidisciplinar. Porto Alegre: Artmed, 2006, cap. 16.

MEUR, A. de; STAES, L. **Psicomotricidade**: educação e reeducação – níveis maternal e infantil. São Paulo: Manole, 1984.

MORAIS, Antônio Manuel Pamplona. **Distúrbios da aprendizagem**: uma abordagem psicopedagógica. São Paulo: EDICON, 1986.

ROTTA, Newra Tellechea. Dispraxias. *In*: ROTTA, N. T.; OHLWEILER, L.; RIESGO, R. S. **Transtornos da aprendizagem**: abordagem neurobiológica e multidisciplinar. Porto Alegre: Artmed, 2006, cap. 15.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICOMOTRICIDADE. **A Psicomotricidade**. Disponível em <http://www.psicomotricidade.com.br/apsicomotricidade.htm> Acesso em: 10 dez. 2009.